

JORNALISMO E LITERATURA INFANTIL: A ARTE DE ESCREVER HISTÓRIAS COTIDIANAS A PARTIR DA ESTRUTURA DAS HISTÓRIAS DE TRADIÇÃO ORAL

AUTORES

Rosangela MARÇOLLA

Docente do curso de Comunicação Social da Unilago.

RESUMO

O texto mostra o encontro da literatura infantil com o jornalismo, nivelando a atividade jornalística com a arte de contar histórias. Essas narrativas percorrem o mundo acompanhando a evolução humana e transformam-se em literatura infantil.

A essência da literatura infantil pode ser subsídio para a construção do texto jornalístico, elevando o entrevistado que vive no anonimato à condição de herói dentro de sua história. É possível retirar da literatura infantil a estrutura e o conteúdo para enriquecer os textos jornalísticos, quer na habilidade de desenvolver matérias em forma de história, quer na construção de perfis e biografias de pessoas comuns da sociedade.

PALAVRAS - CHAVE

Jornalismo, Literatura Infantil, Jornalismo Literário, Perfil, Biografia

1. INTRODUÇÃO

A partir de reflexões acerca da arte de contar histórias, a intenção deste texto é relacionar esta habilidade humana com a atividade jornalística. A proposta é que o jornalista utilize as estruturas narrativas literárias para desenvolver suas reportagens, em forma de histórias, valorizando a efabulação e os personagens.

O jornalista deve assumir o seu papel de contador de histórias, mediador das histórias que habitam as ruas à espera de receptores. E, na busca de personagens, encontrar os heróis anônimos que possam narrar suas aventuras e desventuras. Há muitas histórias a serem contadas e muitas pessoas dispostas a conhecer enredos que contribuam para suas próprias vivências. Esse é o verdadeiro sentido de aproximação que os estudiosos do jornalismo literário apregoam em suas pesquisas.

Quando o jornalista quer exemplificar uma matéria a pessoa passa a ser personagem com o objetivo de deixar a história mais próxima de seu público. Há também a possibilidade de se eleger uma pessoa e transformá-la em protagonista ou herói de sua própria história. Essa iniciativa rende bons frutos, principalmente quando ela preserva em sua memória vivências que merecem ser contadas.

Para se contar uma história é necessário que se respeite certos requisitos: a efabulação, os personagens e o cenário. Vamos, neste texto, sugerir que o jornalista ambiente suas histórias em um cenário, um lugar, como o “era uma vez” das narrativas de tradição oral.

2. JORNALISTA, UM CONTADOR DE HISTÓRIAS

Contar histórias é a função primordial do jornalismo. E há histórias que relatam fatos e histórias que contam a vida das pessoas. A matéria jornalística pode utilizar as pessoas como fontes ou como personagens. Para comprovar um fato, relatar um acontecimento, explicar uma situação ou dar uma opinião a respeito de um assunto, a pessoa é uma fonte.

O jornalismo, por se tratar de uma atividade intrinsecamente relacionada à vida humana, utiliza-se do recurso das narrativas tradicionais e por esse motivo fala de coisas que o homem precisa ouvir, precisa lembrar, precisa resgatar de seu interior, para garantir mais veracidade e intimidade com os fatos.

O uso das histórias de tradição oral é velado, expresso discretamente em sua narratividade. Com o objetivo de transformar a sociedade, o jornalista, por meio de narrativas resgatadas em seu imaginário, pode desempenhar o seu papel, desatrelando os fatos tidos como informação e levando-os à interpretação do mundo em que se vive, por meio de narrativas que falam da realidade.

A narrativa não é privilégio da arte ficcional. Quando o jornal diário noticia um fato traz, em essência, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem, uma forma ampliada para contar as notícias. Pequenos relatos transformam-se em histórias completas, com detalhes e impressões de quem acompanha o desenvolvimento dos fatos e lança mão da forma narrativa para levá-las ao público.

A história é o acontecimento ficcional na literatura e real no jornalismo. O ato de contar remete à narratividade, a forma de expressão do contador ou jornalista com o receptor, impulsionando o processo de

comunicação. A transmissão das mensagens se efetua e a notícia-história se transporta do imaginário para o cotidiano.

Ao estudar a notícia dentro de um contexto antropológico, Luiz Gonzaga Motta reconhece que há uma significação já conhecida nos textos jornalísticos, guardadas no imaginário e recebidas em forma de mensagens, nomeadas de mito, fábula ou conto, reafirmando esta ideia de similaridade de essência. Não se pretende afirmar que as notícias sejam ficção, reinvenções do homem. Motta (2002, p. 14) explica que não são “pura ficção inventada pelos jornalistas; nem que elas se configurem como um sistema mitológico. As notícias são um sistema simbólico singular porque nelas se misturam realidades e fantasias, nelas se confundem o real e o imaginário”.

A aproximação do jornalismo com a literatura acabou por resultar em formas mais envolventes de seduzir o leitor, que busca histórias interessantes, quando lê um jornal ou assiste a um telejornal, agregando imagens às narrativas para alimentar o seu imaginário. Eugênio Bucci lembra que “o noticiário da atualidade constrói pequenas novelas diárias ou semanais cujos protagonistas são tipos da vida real absorvidos por uma narrativa que funciona como se fosse ficção...” (2000, p.142). Isso torna atraente a informação para o receptor que recebe “santos e vilões no noticiário como ícones do bem e do mal que movimentam um formidável videogame” (2000, p. 143).

A busca pelo entendimento da comunicação humana levou à descoberta desses conteúdos, presentes, apesar de abstratos, nas histórias escritas como resgate oral dos povos de outros tempos.

A mídia traz as histórias de tradição oral que contribuem para a individuação, interferindo, inclusive na determinação do comportamento humano. As narrativas beneficiam as pessoas ao oferecer exemplos de vidas com trajetórias vitoriosas, os heróis das sagas, dos contos de encantamentos. É o caso do jornalismo literário que oferece subsídios para a produção de perfis ou biografias.

A opção por buscar na literatura infantil subsídios para desenvolver um texto jornalístico, principalmente perfil ou biografia, deve-se ao fato de resgatar conhecimentos já enraizados no ser humano quanto à estrutura de uma história, a partir do raciocínio linear com começo, meio e fim.

A matéria narrativa ou corpus narrativo resulta, pois, de uma voz que narra uma história a partir de um certo ângulo de visão (ou foco narrativo) e vai encadeando as seqüências (efabulação), cuja ação é vivida por personagens; está situada em determinado espaço; dura determinado tempo e se comunica através de determinada linguagem ou discurso, pretendendo ser lida ou ouvida por determinado leitor/ouvinte (Coelho, 2000, p. 92).

A história é contada a partir do desenvolvimento do raciocínio do narrador, que organiza os acontecimentos de maneira a torná-los compreensíveis para o seu receptor. Para isso depende de personagem, ação, tempo e espaço.

3. DA LITERATURA INFANTIL AO JORNALISMO

Nelly Novaes Coelho (2000, p.66-67) determina os fatores estruturantes que compõem uma matéria narrativa ou a criação da história de ficção:

1. O *narrador* (a voz que fala, enunciando a efabulação);

2. O *foco narrativo* (o ângulo ou a perspectiva de visão, escolhida pelo narrador para ver os fatos e relatá-los);
3. A *história* (a intriga, argumento, enredo, situação problemática, assunto);
4. A *efabulação* (a trama da ação ou dos acontecimentos, sequência dos fatos, peripécias, sucessos, situações...);
5. O *gênero narrativo* (depende da natureza do conhecimento de mundo e implícito na narrativa, podendo assumir três formas distintas: conto, novela e romance);
6. *Personagens* (aqueles que vivem a ação);
7. *Espaço* (ambiente, cenário, paisagem, local...);
8. *Tempo* (período de duração da situação narrada);
9. *Linguagem* ou *discurso narrativo* (elemento concretizador da invenção literária);
10. *Leitor* ou *ouvinte* (o provável destinatário, visado pela comunicação).

O narrador assume a postura de contador de histórias. Neste estudo, o papel de jornalista, que aproxima emissor – notícia – receptor, assim como o narrador, na literatura infantil, que traz a história para o leitor. Diz Nelly Novaes Coelho “conforme a natureza de suas relações com a matéria narrada e com o destinatário (leitor ou ouvinte) de sua narrativa, o *narrador* assume diferentes categorias”. Um delas é justamente

(...) a do *contador de histórias* ou *narrador primordial* (de linguagem homérica ou mítica): aquele que se assume como *testemunho* ou mediador (e não, como *inventor*) de fatos ou acontecimentos realmente acontecidos, por ele próprio presenciados ou que lhe foram narrados por alguém que os teria vivido ou testemunhado, guardando-os na memória, e transmitidos a outros. (É a voz que se faz ouvir nos mitos, lendas, crônicas medievais, livros de linhagem, contos de fada, contos maravilhosos...) (Coelho, 2000, p. 67).

Foco narrativo é o modo de ver, ou ponto de vista, pois “corresponde ao ângulo de visão em que se coloca o narrador para contar a sua história (...) é um dos fatores estruturantes mais importantes do processo narrativo. (...) Ele revela a posição em que se encontra o narrador em relação ao que ele conta. Posição que por sua vez determina o grau de conhecimento que ele tem dos fatos ou das situações que ele vai desvendando...” (Coelho, 2000, p. 68-69).

Dentro do campo jornalístico, o foco narrativo refere-se à abordagem que o profissional dá ao acontecimento, de acordo com a visão e o ângulo que se observa o fato e a maneira como vai transmiti-lo aos receptores. Trata-se, muitas vezes, do discurso jornalístico representativo e tendencioso que emana do dono da empresa onde atua o profissional.

A história é o acontecimento, o fato, que ocorre em qualquer lugar e de diversas formas. Para Nelly Novaes Coelho, “a *história* surge de uma ‘situação problemática’ que desequilibra a vida normal das personagens. Situação que vai se modificando através da narrativa até sua solução final e a volta ao equilíbrio normal” (2000, p. 70).

É chamado de efabulação o desencadeamento dos fatos, a forma como a história é desenvolvida, dentro dos padrões literários com começo, meio e fim, para ser entendida pelo receptor.

Conto, novela ou romance são as formas básicas do gênero narrativo que representam meios de expressão. O conto mostra um momento importante na vida do personagem, a novela, uma visão de mundo complexa e o romance apresenta-o a partir de um universo organizado estruturado por um fio condutor. Essas situações constantes na literatura se repetem no jornalismo. O fato que ganha a forma de notícia necessita de uma efabulação, um desencadeamento de acontecimentos, formando uma história a ser contada pelo narrador a partir de um foco narrativo específico.

O personagem é o elemento central da história. Aquele que pratica ou sofre uma ação e vira notícia. É o homem que morde o cão, jornalisticamente falando. Nelly Novaes Coelho (2000, p.75) define: “*personagem* é uma espécie de amplificação ou síntese de todas as *possibilidades de existência* permitidas ao homem ou à condição humana”.

Toda história apresenta dois aspectos importantes para sua compreensão. O primeiro, o espaço, que representa o ambiente, o cenário, a cena. “Sua importância na efabulação é idêntica àquela que o mundo real adquire em nossa vida cotidiana” (Coelho, 2000, p.77). O segundo, o tempo, determina o desenrolar dos fatos dentro de uma sequência cronológica, exterior ou interior.

Na literatura infantil, há o tempo mítico, que corresponde ao “tempo imutável, eterno, que se repete sempre igual, sem evolução nem desgaste: é o tempo da fábula, das lendas, do mito, da Bíblia, da ficção do ‘Era uma vez...’” (Coelho, 2000, p. 80).

Assim como na literatura infantil, as especificações para a elaboração de uma história se assemelham às do jornalismo, fazendo valer a ideia da aproximação entre os dois, histórias e notícias. Para Cândida Gancho “a maioria das pessoas é capaz de perceber que toda narrativa tem elementos fundamentais, sem os quais não pode existir; tais elementos de certa forma responderiam às seguintes questões: O que aconteceu? Quem viveu os fatos? Como? Onde? Por quê?...” (1991, p. 5).

Apesar do tempo mítico não estar presente de forma declarada, muitas vezes o receptor se sente diante de uma narrativa fantástica, principalmente quando se trata de crimes violentos, como os descritos neste trabalho. O distanciamento da notícia com o seu receptor, nesse caso, é uma reação direta, pois as pessoas não esperam que se repita o mesmo fato, um crime, por exemplo, que acabou de ver, ouvir ou ler com pessoas próximas do seu convívio.

A linguagem narrativa na literatura infantil pode ser classificada como *linguagem realista mimética* ou *linguagem simbólica metafórica*. Para Nelly Novaes Coelho esses tipos de linguagem são definidos da seguinte forma:

(...) é *realista* (ou mimética) quando ela reproduz uma experiência vivida (ou passível de ser vivida) no mundo real cotidiano ou natural, que é o nosso. É *simbólica* (ou metafórica) quando expressa uma realidade X, querendo significar uma realidade Y. Isto é, trata-se de uma linguagem figurada que fala por *imagens* e assim comunica de maneira concreta ideias abstratas. Nos primeiros tempos, quando as ideias, leis e normas de comportamento, destinadas às comunidades eram transmitidas *oralmente* a linguagem simbólica foi predominante...(2000, p. 82).

Quanto às técnicas ou processos narrativos, as histórias são transmitidas a partir da ótica de quem a observa e são divididas em descrição e narração. A primeira diz respeito à forma como o observador se movimenta diante de um fato.

Em sua manifestação pura, a *descrição* corresponde a um processo de apreensão da realidade que resulta de uma *atitude estática*. Isto é, atitude de quem observa, analisa e descreve uma realidade parada, imobilizada no tempo. Quem descreve, mostra os detalhes de um objeto, cena, quadro ou fenômeno *imobilizado em um dado momento*. A descrição é, pois, a técnica do observador que vê de fora e mostra o objeto ou fenômeno focalizado como um '*espetáculo estático*' (Coelho, 2000, p. 83).

A narração, por sua vez, mostra o observador que conhece a história, a partir de uma visão completa, inclusive de antecedentes e de apurações detalhadas.

É a técnica de expressão de quem relata um processo; de quem participa emotivamente daquilo que está contando, porque se sente senhor de todos os segredos e de todo dinamismo da situação em foco. Em essência, é o recurso expressivo de quem está tendo uma perspectiva ampla de visão, que compreende e hierarquiza a escala de valores que integram os acontecimentos e tem como objetivo transmitir a alguém o *processo evolutivo de uma situação*. A natureza da narração é, pois, essencialmente, *dinâmica* (Coelho, 2000, p. 83-84).

Apesar de distintas, não existem separadas. A descrição precisa da intervenção do narrador, que prepara a narração de acordo com a observação dos fatos e, conseqüentemente, da descrição que faz sobre ele. Não há história sem a presença dos dois, simultaneamente.

A dissertação também é um tipo de técnica narrativa mais voltada a um comentário, com teor ideológico ou informativo, que cabe mais no gênero opinativo do jornalismo.

Para falar de leitor ou ouvinte, considera-se, primeiramente, o processo da comunicação, que pressupõe o relacionamento do emissor com o receptor, tendo a mensagem como objeto principal. Realçando esse ponto de vista, Nelly Novaes Coelho afirma que "conscientemente ou não, a verdade é que todo discurso (literário ou pragmático) visa comunicar-se com alguém. Não há *operação verbal* que não tenha em mira *determinado destinatário* a quem comunicar sua mensagem" (2000, p. 89).

A literatura infantil pode emprestar subsídios para tornar a atividade jornalística mais criativa, facilitando a fruição textual. De que forma? Baseando-se nos conteúdos das histórias para dar sustentação à notícia: as narrativas presentes no imaginário humano. E por meio do estudo da estrutura das histórias infantis encontrar caminhos para desenvolver histórias-notícias, que contemplem todas as particularidades do contador de histórias com a forma narrativa.

Para aproximar a literatura infantil do jornalismo, Nelly Novaes Coelho oferece itens para facilitar a elaboração de histórias. São chamados de elementos estruturais invariáveis e mostram a efabulação

constante em todas as histórias de tradição oral, principalmente nos contos de fada e nos maravilhosos, que serão utilizados para a formulação das entrevistas jornalísticas e a redação dos perfis e biografias.

Baseando-se em Wladimir Propp, Nelly Novaes Coelho divide o conto a partir dos elementos estruturais invariáveis: aspiração ou desígnio, que leva o herói ou heroína à ação; viagem, como condição para a realização do desígnio; obstáculos ou desafios insuperáveis, interpondo-se à ação pretendida; mediação auxiliar mágica, natural ou sobrenatural entre o herói e o objetivo, afastando ou neutralizando os perigos e possibilitando a vitória e a sonhada conquista do objetivo.

Detalhando essas etapas, Nelly Novaes Coelho, em seu livro *Literatura infantil: teoria, análise e didática* (2000), define-as da seguinte forma:

- Toda efabulação tem, como motivo nuclear, uma aspiração ou um *desígnio*, que levam o herói (ou heroína) a ação (p. 109). Todo ser humano tem sua aspiração, seu ideal, seu desígnio a ser atingido na vida para sua auto-realização. Os *objetivos* são infinitos, variam de criatura para criatura (p. 117).
- A condição primeira para a realização desse desígnio é sair de *casa*; o herói empreende uma *viagem* ou se desloca para um ambiente estranho, não-familiar (p. 110). Normalmente, a luta pela realização se trava *fora de casa*, no corpo-a-corpo com o mundo exterior, o mundo dos outros. São também infimos os caminhos a serem escolhidos e percorridos. (p. 117).
- Há sempre um desafio à realização pretendida, ou surgem *obstáculos* aparentemente insuperáveis que se opõem à ação do herói (ou da heroína) (p. 110). As dificuldades encontradas nesses caminhos em busca da realização são também inumeráveis (p. 117).
- Surge sempre um *mediador* entre o herói (ou a heroína) e o objetivo que está difícil de ser alcançado; isto é, surge um *auxiliar mágico*, natural ou sobrenatural, que afasta ou neutraliza os perigos e ajuda o herói a vencer (p. 110). Não se trata apenas da *ajuda exterior* (a que vem dos outros ou das varinhas mágicas), mas principalmente da que vem de nós próprios: a *ajuda interior*, que nos é dada pela nossa inteligência, intuição, força de vontade, paciência, curiosidade, afetividade, paixões, ânsia de *saber* e *conhecer*. Sem dúvida, o melhor *mediador mágico* está em cada *eu* que se dispõe a auto-realização (p. 117).
- Finalmente o herói *conquista* o almejado objetivo (p. 110). Enfim, a realização do ideal visado. É nesta última etapa que está a grande diferença entre a literatura e a vida: um ideal alcançado pelo *eu* não significa o final, mas apenas a conclusão de uma etapa da vida...outros desígnios ou ideais devem surgir, pois na vida não há nada definitivo, a não ser a morte (se é que é definitiva...quem o sabe?) (p. 117).

A essas *invariantes* básicas correspondem inúmeras *variantes*, circunstâncias acidentais que tornam cada conto único ou simplesmente diferente dos demais (Coelho, 2000, p. 110).

Analisando-se a classificação das invariantes que dão estrutura às histórias de tradição oral, principalmente aos contos de fadas e aos contos maravilhosos, que mostram personagens diante de suas lutas, fracassos e vitórias, há de se notar semelhança com “as *exigências básicas* que a vida faz de cada um de nós, para que nos realizemos plenamente como indivíduos e seres sociais” (Coelho, 2000, p. 116).

A conclusão de Nelly Novaes Coelho sobre essa semelhança entre contos de encantamento e a vida real das pessoas dá sustentação a este trabalho, pois o objetivo principal é mostrar a intersecção da literatura infantil com o jornalismo.

(...) a vida é *processo* em contínuo fazer-se. Cada conquista deve corresponder a um *fim* e a um *novo começo*. É essa analogia existente entre as *invariantes* do universo literário e as do universo humano que explica a fascinação que, através dos séculos, essas narrativas fantasiosas continuam a exercer sobre os povos e sobre as crianças, em particular (Coelho, 2000, p. 117).

Assim como na vida as histórias se repetem e nas histórias há vida, as notícias acompanham esse fluxo natural e se inserem, também, no contexto geral, como parte da sociedade, retratando as histórias reais, os acontecimentos que merecem ser conhecidos, de acordo com os critérios de noticiabilidade.

Na questão de importância, as histórias que permanecem por séculos demonstram proximidade com o ser humano. No jornalismo, os valores-notícia (news values) ocorrem pela representatividade que o acontecimento tem na vida das pessoas. Um acontecimento só ganha o *status* de notícia quando a sua repercussão vai ser significativa para os receptores, caso contrário, permanece como um acontecimento igual a milhões que surgem todos os dias pelo mundo. A notícia, tal qual a história, transforma uma pessoa comum em personagem, o centro da narrativa. Esse personagem, por sua vez, em herói.

3. PERSONAGENS DAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS

Campbell afirma que “a façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que se sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente, perfaz-se um círculo, com a partida e o retorno” (1990, p. 131-132).

Além disso, não precisamos correr sozinhos o risco da aventura, pois os heróis de todos os tempos a enfrentaram antes de nós. O labirinto é conhecido em toda a sua extensão. Temos apenas de seguir a trilha do herói, e lá, onde temíamos encontrar algo abominável, encontraremos um deus. E lá, onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ter ao centro da nossa própria existência. E lá, onde pensávamos estar sós, estaremos na companhia do mundo todo (Campbell, 1990, p. 131).

O herói é o centro das narrativas de tradição oral, exerce o poder de seduzir os seus receptores. Representa as façanhas de uma pessoa que se aventura pelo mundo e, no final, consegue sua recompensa. No jornalismo, os heróis surgem em vários segmentos da sociedade.

Toda história precisa de um personagem. No jornalismo, os personagens também são analisados, inclusive com grande semelhança, pois os textos jornalísticos são comparados a histórias. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari aguçam a imaginação do leitor:

Imaginemos um vilarejo, casinhas caiadas, a rua principal, a praça, a igreja. Numa esquina, a venda – misto de farmácia, armazém, armarinho. Não é difícil supor que haja também uma birosca, situado em rua lateral, mais escondida; ali homens bebem cachaça e jogam sinuca. Pronto: está arrumado o cenário. Falta apenas acontecer alguma coisa, um feito novo que desestruture e movimente a narrativa. Para isso, é preciso que alguém passe a atuar nesse espaço. É hora de fazer entrar em cena o personagem (1986, p. 125).

Os personagens, analisados nos textos jornalísticos, são classificados, segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 134-136) como:

- *personagem-indivíduo*: apresenta um retrato mais psicológico do que referencial – o interesse recai sobre a atitude do entrevistado diante da vida, seu comportamento, a peculiaridade de seu modo de atuação. O narrador, logicamente, acentua esse lado e desde o início confere ao texto caráter de imprevisibilidade.
- *personagem-tipo*: nem sempre temos diante de nós personalidades tão surpreendentes. É o caso, por exemplo, de celebridades que se inscrevem em categorias: esportistas, cantores, milionários, princesas, etc. A menos que se salientem por outro traço qualquer, o normal será enfatizar, no perfil, justamente aquilo que lhes deu fama – habilidade, talento, dinheiro, beleza ou qualquer atributo típico de suas classes ou profissões.
- *personagem-caricatura*: na vida, como na literatura, há toda sorte de personagens. É natural que, de vez em quando, encontremos sujeitos estranhos, de gestos grotescos e atitudes mirabolantes, com acentuada tendência para a exibição.

Na literatura infantil, segundo Nelly Novaes Coelho (2000, p. 75-76), os personagens são classificados da seguinte forma:

- *personagem-tipo*: é bastante simples em sua construção e facilmente reconhecível pelos leitores, pois corresponde a uma *função* ou a um *estado social*. São personagens estereotipadas: não mudam nunca em suas ações ou reações. São personagens-tipos, os reis, rainhas, princesas, príncipes, amas, bruxas, fadas, gigantes, anões, caçadores, animais encantados, etc., que vivem nos contos de fadas ou contos maravilhosos. São também personagens-tipos, aquelas que nas narrativas realistas representam *funções de trabalho* ou *estados sociais*: lavrador, pescador, mercador, soldado, alfaiate, grandes senhores, servos, pastores, ministros, mendigos, velhos, crianças, etc...
- *personagem-caráter*: é mais complexa, porque representa *comportamentos* ou *padrões morais*. Os pensamentos, impulsos ou ações que as movem na trama narrativa revelam sempre aspectos do caráter, da estrutura ética ou afetiva que as caracteriza.
- *Personagem-individualidade*: é típica da ficção contemporânea. Representa o novo homem, revelado pelas descobertas psicanalíticas, que puseram em questão a antiga interpretação do ser

humano, visto de maneira maniqueísta e dogmática, como um bloco inteiro de qualidades e de defeitos. Revela-se ao leitor através das complexidades, perplexidades, impulsos e ambiguidades de seu mundo interior.

Para conseguir o objetivo de transmitir uma mensagem, a história é fator indispensável, pois só por meio dela os fatos se desenrolam e ganham sentido. Sodré e Ferrari oferecem, ainda, mais subsídios para comprovar a aproximação do jornalismo com a literatura infantil:

Há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de *perfil* (1986, p.125).

Cumprem as histórias e as notícias as mesmas funções na vida do homem em sociedade que, por sua vez, estão contidas na arte de narrar dos jornalistas e dos contadores de histórias. Baseando-se nas características de um herói de histórias de tradição oral, o anônimo deve ser observado em todas as etapas de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma reportagem pode ser comparada a uma narrativa nos moldes das histórias de tradição oral, que eram contadas dentro das cavernas. A função do jornalista é buscar personagem, desenvolver o enredo e colocá-los em um cenário. Contar o que ouviu para os seus receptores. Parece uma fórmula simples, mas não é. Carece de conhecimento, repertório cultural, habilidade de repórter, paciência para apurar todos os fatos, poder de contextualização, boa redação, além de captação de imagens significativas.

As histórias estão nas ruas à procura de quem as resgate. São histórias de pessoas, efabulações reais dentro de um cenário próprio. A matéria-prima do jornalista é farta, mas deve ser utilizada em forma de narrativas que ganham vida diante do público. Os personagens, heróis do cotidiano, guardam suas vivências para serem contadas a outras pessoas. É para se pensar no assunto...

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlete Caetano. 7ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: das origens aos dias atuais**. Brasília: Quiron, 1981.
- DEJAVITE, Fábila Angélica. **O poder do faitdivers no jornalismo: humor, espetáculo e emoção**. In: Estudos de jornalismo I. Campo Grande: Intercom, UFF, 2001.
- GANCHO, Cândido Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.
- GERALDES, Elen Cristina. Narrativas jornalísticas: porque o real é complexo. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge; MARTINEZ, Regina. (orgs.). **Comunicação: discursos, práticas e tendências**. São Paulo: Rideel/Brasília: UniCEUB, 2001..
- GRIMM, Irmãos. **Os contos de Grimm**. Tradução de Tatiana Belinky. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1989.
- JOLLES, André. **Formas simples**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LIMA, Alceu A. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Edusp, 1990.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2ª ed. São Paulo: Manole, 2004.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo literário: o legado de ontem. In: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro. **New journalism: a reportagem como criação literária**. Cadernos de Comunicação. Nº 7, agosto de 2003.
- LIMA, Edvaldo. P. Da escrita total à consciência planetária. In BRANDÃO, C. R et al. **Criatividade e novas metodologias**. São Paulo: Peirópolis, 1998.
- MARÇOLLA, Rosângela. **Histórias de tradição oral: matéria-prima do jornalismo**. Disponível em www.bocc.ubi.pt.
- MARÇOLLA, Rosângela. **Histórias reais e notícias de ficção: jornalismo e literatura infantil em um encontro folkmediático**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005 (Tese de doutoramento).
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Para uma antropologia da notícia**. In: Intercom. Volume XXV, nº 2, São Paulo, julho/dezembro de 2002.
- PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias & Biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis**: um modo de reportar. São Paulo: Summus, 2003.